

Pesquisas Interdisciplinares Estimuladas por Problemas Concretos das Ciências Sociais Aplicadas 2

**Elói Martins Senhoras
(Organizador)**



Pesquisas Interdisciplinares Estimuladas por Problemas Concretos das Ciências Sociais Aplicadas 2

**Elói Martins Senhoras
(Organizador)**



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pesquisas interdisciplinares estimuladas por problemas concretos das
ciências sociais aplicadas

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Elói Martins Senhoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P474 Pesquisas interdisciplinares estimuladas por problemas concretos das ciências sociais aplicadas 2 / Organizador Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-814-4

DOI 10.22533/at.ed.144210802

1. Ciências sociais. I. Senhoras, Elói Martins (Organizador). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O campo científico dos estudos de Ciências Sociais Aplicadas tem evoluído de modo significativo nos últimos dois séculos em função das transformações estruturais nos contextos, tanto, econômico do sistema capitalista, quanto, político do sistema internacional, os quais repercutiram em crescente complexificação da realidade social, organizacional e familiar.

Diante da crescente fluidez e complexidade da realidade, novas agendas temáticas reflexivas aos avanços empíricos e às transformações humanas emergem, introjetando dinamismo para a valorização dos estudos de Ciências Sociais Aplicadas, com consequente demanda para não apenas explicar os fenômenos, mas também apresentar respostas aos problemas.

Nesta contextualização, o presente livro, “Pesquisas Interdisciplinares Estimuladas por Problemas Concretos das Ciências Sociais Aplicadas 2”, apresenta uma diversidade de leituras que valoriza a abordagem interdisciplinar aplicada à análise da realidade empírica por meio do uso combinado de distintos recortes teóricos e metodológicos.

Estruturado em dezesseis capítulos que mapeiam temáticas que exploram as fronteiras do conhecimento sobre as realidades social e organizacional, esta obra é fruto de um trabalho coletivo constituído pela reflexão de vários pesquisadores oriundos das macrorregiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil.

As análises destes capítulos foram organizadas neste livro tomando como elemento de aglutinação a abordagem interdisciplinar aplicada à análise da realidade dentro de dois grandes eixos investigativos, respectivamente identificados por abordagens empíricas de estudos de caso sobre: a) temas sociais, e, b) temas organizacionais.

Com base nestes eixos temáticos, a presente obra coaduna diferentes prismas do complexo caleidoscópio interdisciplinar das Ciências Sociais Aplicadas, caracterizando-se por um olhar que estimula a pluralidade teórica e metodológica, bem como a prescrição de soluções para os dilemas existentes na realidade de cada estudo de caso.

A construção epistemológica apresentada neste trabalho coletivo busca romper consensos, findando demonstrar a riqueza existente no anarquismo teórico e metodológico do campo das Ciências Sociais Aplicadas em resposta à complexa realidade empírica, razão pela qual convidamos você leitor(a) a nos acompanhar à luz do ecletismo registrado nos estimulantes estudos empíricos deste livro.

Excelente leitura!

Elói Martins Senhoras

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

APRENDIZAGEM PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NA ATIVIDADE EXTENSIONISTA DIALÓGICA DE APRENDIZAGEM COM EFETIVIDADE PARA A GESTÃO NO PARADIGMA DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Alessandra Mantovaneli
David Ranieri Bulgari
Simone Ferreira de Sousa
Liliane Cristine Schlemer Alcântara
Érica Crespi Amêndola

DOI 10.22533/at.ed.1442108021

CAPÍTULO 2..... 14

ACERTANDO A TEORIA: SERVIÇO SOCIAL, GÊNERO E A REDE DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Brenda Fante da Paixão

DOI 10.22533/at.ed.1442108022

CAPÍTULO 3..... 26

CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL EM UMA ANÁLISE ERGONÔMICA

Fernanda Garcia de Lima
Lais de Marins Patata Ferreira
Larissa Cardoso Almeida

DOI 10.22533/at.ed.1442108023

CAPÍTULO 4..... 35

O PAPEL DO FARMACÊUTICO NO TRATAMENTO DA DOENÇA DE PARKINSON

Ester Elaine Gonsalves de Aguiar
Gustavo Alves Andrade dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.1442108024

CAPÍTULO 5..... 46

SISTEMA PRISIONAL: UMA LEITURA ANÁLITICA COMPORTAMENTAL

Sandro Paes Sandre
Andre Vasconcelos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.1442108025

CAPÍTULO 6..... 56

DESENVOLVIMENTO DO JOGO PEDAGÓGICO SER+: GÊNEROS, SEXUALIDADES E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Bruno Cruz Candido
Renata Barbosa Porcellis da Silva
Mariana Piccoli

DOI 10.22533/at.ed.1442108026

CAPÍTULO 7	66
INFÂNCIA E DISCURSO: ANÁLISE DISCURSIVA DE JORNAIS EM GUARAPUAVA (1930/1940)	
Micheli Rosa	
Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.1442108027	
CAPÍTULO 8	77
ENTREVISTA CONSTRÓI IMAGEM EMPRESARIAL discursIVA: ESTUDO TEXTUAL NUM EXEMPLAR DA oDEBRECHT INFORMA	
Marta Cardoso de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.1442108028	
CAPÍTULO 9	91
O VIÉS SOCIAL NA FORMAÇÃO DO ADMINISTRADOR: CONTRIBUIÇÕES PARA CIDADANIA	
Maria Angelica de Araujo Oliveira	
Paulo de Tarso Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1442108029	
CAPÍTULO 10	106
O PERFIL EMPREENDEDOR NA INFLUÊNCIA POSITIVA DA BUSCA DE OPORTUNIDADE E INICIATIVA AO EMPREENDEDORISMO	
André Luis da Silva	
Carlos Takashi Konaka	
DOI 10.22533/at.ed.14421080210	
CAPÍTULO 11	128
EMPREENDEDORISMO E GESTÃO EM GASTRONOMIA	
Potiguara Spindola Alcantara	
DOI 10.22533/at.ed.14421080211	
CAPÍTULO 12	141
GESTÃO DE PROCESSOS: UM ESTUDO DE CASO EM UM RESTAURANTE <i>FAST FOOD</i>	
Juliana Damaris Candido de Lima	
Annah Bárbara Pinheiro dos Santos	
Juliana Feres Castelo	
Karla Andréa Dulce Tonini	
Paula Albuquerque Penna Franca	
DOI 10.22533/at.ed.14421080212	
CAPÍTULO 13	152
FAZENDO POLÍTICA COM O GARFO: POLITIZAÇÃO DO CONSUMO ALIMENTAR EM UM ESPAÇO DE GASTRONOMIA E HOSPEDAGEM NO RIO DE JANEIRO	
Paula Albuquerque Penna Franca	
Juliana Damaris Candido de Lima	
Nicolle de Souza Venturi	

Annah Bárbara Pinheiro dos Santos
Anna Paola Trindade Rocha Pierucci

DOI 10.22533/at.ed.14421080213

CAPÍTULO 14..... 167

DO FORDISMO AO UBERISMO: REFLEXÕES E NOVOS PARADIGMAS PARA A ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA E DO TRABALHO NA ERA DA INOVAÇÃO

Railson Marques Garcez

Leandro José Teixeira Barros

DOI 10.22533/at.ed.14421080214

CAPÍTULO 15..... 182

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NA GESTÃO MUNICIPAL POR MEIO DA PLATAFORMA DE ACOMPANHAMENTO DE LICITAÇÕES PÚBLICAS (PALP)

Victor Gomes Jorge

Renan Antonio da Rocha

José Augusto Lopes Costa

Vinícius Storolli Santos

Caroline Ferreira Gonçalves

Cláudia Souza Passador

DOI 10.22533/at.ed.14421080215

CAPÍTULO 16..... 196

O PARQUE TECNOLÓGICO DE MARÍLIA/SP NA INSERÇÃO DA AGENDA GOVERNAMENTAL LOCAL SOB A ÓPTICA DOS MÚLTIPLOS FLUXOS

Nathália Gonçalves Zaparolli

DOI 10.22533/at.ed.14421080216

SOBRE O ORGANIZADOR..... 209

ÍNDICE REMISSIVO..... 210

CAPÍTULO 2

ACERTANDO A TEORIA: SERVIÇO SOCIAL, GÊNERO E A REDE DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Data de aceite: 04/02/2021

Brenda Fante da Paixão

PPGH/UDESC e graduanda de Serviço Social pela UFSC.

RESUMO: O estudo aqui apresentado tem seu escopo nas políticas sociais de enfrentamento à violência contra a mulher, entendidas a partir da concepção de articulação em rede. Assumindo a dimensão da *práxis* como norteadora para o Serviço Social, o objetivo central consiste em investigar como a pressuposta relação dialética entre conhecimento e prática opera no âmbito da intervenção profissional das assistentes sociais que atuam na esfera das políticas públicas de gênero, de modo a inferir sobre os contrassensos epistemológicos, os limites e as potencialidades dessa atuação. Para tanto, faz-se uso de documentação oral coletadas em um estudo de caso realizado em uma Ong no interior de São Paulo. Em termos metodológicos, recorre-se a análise de conteúdo das entrevistas, a qual é posta à luz das categorias *sexo* e *gênero* enquanto chaves analíticas.

PALAVRAS - CHAVE: Serviço Social; Políticas Públicas; Gênero.

ABSTRACT: The present study discuss the combat of violence against women within the scope of the public policies network articulation. Assuming the dimension of praxis as a guideline

for the Social Work daily practice, the central objective of this essay is to investigate how the presumed dialectical relationship between knowledge and practice operates within professional intervention of social workers who are addressed in the sphere of gender public policies, in order to open a discussion about the epistemological contradictions, limits and potentialities of this performance. Therefore, the study relies on oral documentation collected in a case study held at an NGO in the interior of São Paulo. In methodological terms, the analysis consist in the content of the interviews, which is brought to light by the sex and gender categories as analytical keys.

KEYWORDS: Social Work; Public policy; Gender.

1 | INTRODUÇÃO

Se haviam dúvidas a respeito do lugar ocupado pela desigualdade sexual no cenário conjuntural da realidade social brasileira, o Anuário da Segurança Pública desenha: segundo o documento, o ano de 2018 deixou consigo 1.206 vidas que, “por razões da condição de sexo feminino”¹ foram hediondamente transformadas em estatísticas. Destas, 61% eram mulheres negras e 70,7% possuíam escolaridade até o ensino fundamental. Quando cruzados, esses dados permitem tatear as especificidades da violência contra a mulher brasileira, que se molda a uma sociedade transversalmente racializada e cuja estrutura econômica situa-se

¹ Lei de tipificação do feminicídio (Lei nº13.104, de 9 de março de 2015)

no polo periférico do capitalismo. Em comum, 88,8% dos casos têm o vínculo com o autor, identificado como companheiro ou ex-companheiro da vítima.

Com aumento de 4% em relação ao ano anterior, o feminicídio deixa rastros. Ao segui-los, é possível compreender que, longe de ser uma violência em si mesma, trata-se da expressão máxima de uma violência sistêmica que se faz presente no cotidiano das mulheres brasileiras sob uma pluralidade de meios, instrumentos e disfarces. Cruéis e dolorosos, esses rastros se materializam em números que anunciam que, a cada dois minutos, um novo registro de violência doméstica é feito e, a cada 24 horas, 180 novos casos de estupros são colocados na conta da Segurança Pública sob a tipologia de violência sexual. Das estatísticas que gritam que a cada quatro horas uma menina com menos de 13 anos é violentada sexualmente ao recorde de 66.041 estupros no ano de 2018, pinta-se um quadro de violência que inicia, acompanha e, muitas vezes, interrompe a vida das mulheres em todas as suas fases e esferas.

O artigo aqui apresentado busca visualizar como o Serviço Social, enquanto categoria profissional cuja ambiência de atuação é envolta tridimensionalmente por esses encaixos, articula o aparato teórico- metodológico, ético-político e técnico-operativo da profissão ao confrontar-se com essas violências; e, nesse sentido, pensar em que medida o Serviço Social, construído majoritariamente pelo sexo feminino, é *afetado por e*, dialeticamente, *afeta* – positivamente ou não – a processualidade da desigualdade sexual² enquanto realidade social brasileira. Assumindo como esqueleto do corpo textual o conceito marxista de práxis para se pensar a unicidade visceral entre teoria e prática (SANTOS; PINI, 2013), entende-se os espaços sócio ocupacionais de atuação profissional inseridos nos múltiplos serviços que, amparados por políticas sociais, respondem à essas questões, como um ponto focal de análise privilegiado para verificar o movimento dialético desta união.

Nesse sentido, para alcançar o objetivo geral exposto acima, foram delimitados dois objetivos específicos que são desenvolvidos, respectivamente, nos dois tópicos que compõem o desenvolvimento do trabalho em tela. O primeiro deles consiste em pincelar as fronteiras teóricas, metodológicas e epistemológicas que delimitam as possibilidades para pensar as relações de gênero no campo do Serviço Social. Para tanto, utilizou-se o instrumento qualitativo do estado da arte do tema de gênero no Serviço Social para situá-lo em relação à orientação teórico-metodológica consolidada da profissão. Já o segundo deles, por sua vez, volta-se para a dimensão empírica no intuito de captar os desdobramentos das concepções teórico-metodológicas das relações de gênero, aprofundadas no tópico precedente, na intervenção de assistentes sociais. Metodologicamente, recorreu-se à análise de conteúdo de entrevistas semiestruturadas com dois profissionais de uma ONG localizada em Campinas -SP, coletadas em ocasião de um estudo de caso realizado no ano de 2017. A natureza dos dados, oriundos de uma instituição não governamental com

2 O termo processualidade aqui, foi utilizado no sentido marxista de entender as relações sociais a partir da sua inscrição em uma processualidade histórica.

particularidades significativas, justifica a utilização do conceito de “rede de enfrentamento”³ para se pensar políticas sociais.

2 | O DEBATE DE GÊNERO NO SERVIÇO SOCIAL: UMA ENCRUZILHADA EPISTEMOLÓGICA

“ If you want to change the world, you need to get your theory r ight.” (Ramazanoglu, 1989 , p. 12) .

Se você quer mudar o mundo, precisa acertar a sua teoria. Traduzida para o português desta forma, o excerto da pesquisadora feminista Caroline Ramazanoglu transmite uma retórica muito cara à proposta ética e política do Serviço Social enquanto categoria profissional e acadêmica emancipatória⁴. Reproduzida através de outros léxicos e semânticas, noção semelhante foi levantada por Yolanda Guerra sob o jargão “*ousar saber para ousar transformar*” (GUERRA, 2009 p.17) quando, ao discutir o “estatuto da maioria intelectual” que a profissão foi adquirindo com o aprofundamento da pesquisa científica, a autora evidencia a dimensão investigativa, perpassada pela dialética da teoria e prática, como um elemento *sine qua non* das competências profissionais de assistentes sociais.

Não é decorativa, portanto, a citação que inspira o título deste artigo. Do contrário, Ramazanoglu cumpre o papel de sintetizar previamente a mensagem que se pretende alçar aqui ao entrelaçar Serviço Social e gênero. Mais do que isso, a escolha da autora, cujas obras concentram-se em torno de uma epistemologia e metodologia de pesquisa feminista, vai de encontro com o objetivo específico deste tópico, já que ambos partem de uma preocupação com a rigorosidade teórico-prática no pensar das questões de gênero enquanto análise social transformativa. Situar o debate em um campo de conhecimento específico como o Serviço Social facilita o desafio, o que pode ser explicado pelo processo de renovação presente na narrativa hegemônica da trajetória profissional, a qual destaca a década de 1970 como um ponto de inflexão dos paradigmas que regiam a profissão que, dentre outras ressonâncias, leva o Serviço Social à uma aproximação, hoje consolidada, com a tradição marxista. Da biblioteca básica do Serviço Social⁵ aos temas das edições do Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), é perceptível uma escolha canônica em adotar o marxismo como método de análise, conformando um lugar social de produção (CERTEAU, 1975)⁶ que media a legitimidade dos estudos da área partir da interação entre

3 Conceito apresentado pela Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM) como uma ação articulada entre diversos órgãos e instituições de diferentes instâncias – municipal, estadual, federal, não-governamental – no combate à violência contra a mulher.

4 Art. I do Código de Ética dos Assistentes sociais de 1993.

5 Coleção organizada pela Editora Cortez (São Paulo)

6 Embora Michel de Certeau tenha sido historiador e, portanto, o conceito de “lugar social” se refira à escrita da história especificamente, acredita-se que a ideia central contida nele transcende as especificidades da história e se aplica a demais campos de produção do conhecimento. Ler “A escrita da História” (CERTEAU, Michel de. 1975)

os pares.

Em que pese a ausência de cientificidade, o dito popular segundo o qual toda escolha pressupõe uma renúncia é emblemático da reflexão a ser conduzida. Consolidar o marxismo como orientação teórico- metodológica do Serviço Social implica, por silogismo disjuntivo, delimitar algumas fronteiras que demarcam possibilidades direcionais para se criar estudos e análises sobre diferentes fenômenos tocantes à área. Se o Serviço Social é orientado pelo marxismo, é crucial entender onde, epistemologicamente, as bases deste último estão situadas: com quais epistemes dialogam, quais incorporam e à quais se opõem. Tal delimitação, como é esperado, não se dá por imposição direta, mas sim pela premissa científica da coerência. Assim, se o marxismo é materialista, uma teoria que partisse do idealismo para explicar fenômenos sociais enfrentaria dificuldades para se legitimar no campo do Serviço Social, já que utilizaria uma base metodológica incompatível com a orientação própria da área.

Quando transpomos a discussão para o “gênero”, a lógica não poderia ser diferente. Sendo a um só tempo um conceito, uma categoria analítica e um campo de estudos, a palavra *gênero* aparece vinculada a uma pluralidade de vertentes intelectuais, cada qual dialogando com métodos e abordagens teóricas distintas. Mais do que isso, em se tratando de interpretações que caminham na via contra hegemônica de uma organização societária milenar, as leituras de realidade e as expectativas de futuro produzidas a partir disso estão circunscritas a um campo politicamente conflituoso em torno de um projeto em aberto de sociabilidades. Pensando nisso, formulou-se a hipótese de que o Serviço Social, dispondo do materialismo histórico dialético como bússola, não se desorientaria neste labirinto teórico composto por um emaranhado de caminhos possíveis.

Uma breve análise do estado da arte sobre gênero no Serviço Social, no entanto, sinaliza um contrassenso epistemológico onde confluem teorias e métodos que são, por essência, excludentes entre si. Para dar corpo à análise que leva a esta conclusão, optou-se por desenvolvê-la em torno de dois eixos, onde o primeiro consiste em um balanço das produções acadêmicas concentradas na área sobre o tema e o segundo, por sua vez, corresponde ao posicionamento do Serviço Social⁷ enquanto categoria profissional frente aos temas que tangenciam gênero. Com relação ao segundo eixo, tomou-se como fonte as publicações da seção “CFESS Manifesta”, presente no site do Conselho.

2.1 O que tem o Serviço Social a dizer sobre gênero?

Que o Serviço Social é uma profissão “de mulheres para mulheres”, a historiografia da profissão, bem como os estudos sobre o perfil profissional, já demonstrou. Iamamoto e Carvalho (1982), no clássico “Relações Sociais e Serviço Social no Brasil”, destrincharam o

7 É evidente que o Serviço Social, concretamente, são os assistentes sociais. No entanto, considera-se necessária a abstração do Serviço Social enquanto categoria analítica. Aqui, o “Serviço Social” é analisado, categoricamente, 1) pelo corpo de pesquisadoras da área e 2) pelo CFESS. O primeiro se justifica pelo impacto que operam na relação dialética entre teoria e prática que atravessa todas as demais dimensões do fazer profissional, e o segundo pela dimensão ético-política.

significado social do Serviço Social no capitalismo, evidenciando o papel da igreja católica nesse processo. A partir disso, por um minuto, são dispensáveis referências para explicar a relação entre a gênese católica do Serviço Social e gênero: é sabido do senso comum à academia, por via da defesa ou da crítica, o papel da igreja na manutenção e reprodução de papéis sociais ditos femininos e masculinos. Da laicização da profissão ao processo de reconceituação para o viés crítico, as mulheres ocupam ativamente o Serviço Social, o que implica a necessidade deste marcador sexual ser aprofundado para que se apreenda, em sua completude, o “*significado social da profissão no capitalismo*” (CARVALHO; IAMAMOTO, 2008 p. 71).

Falar de gênero no campo do Serviço Social, pois, não se trata de um recorte, de um tema-acessório ou uma análise de políticas focais. Fosse gênero uma categoria dispensável e, portanto, facultativa ao Serviço Social, a presença majoritariamente feminina na história da profissão não seria um dado bruto. Em um mesmo sentido, se a profissão desempenha um “significado social” no capitalismo, torna-se imprescindível reconhecer que este significado não se realiza se não em companhia de um *significante* e que este, por sua vez, é expresso na figura do sexo feminino das assistentes sociais.

Não obstante o marcador de gênero ser historicamente constitutivo da profissão, as raízes e conseqüentes implicações deste fato ainda despertam interesse incipiente. Segundo Rita de Lourdes Lima (2012), as disciplinas voltadas para a temática de gênero são preponderantemente enquadradas no caráter de eletivas, não sendo, portanto, constitutivas do currículo obrigatório para a formação. Além disso, concentram-se nos semestres finais, o que indica o ensino desassociado de gênero como elemento basilar da gênese, desenvolvimento e constituição da profissão. A autora chama atenção, ainda, para o prejuízo daqueles que, por estarem nas fases finais, já encerraram o estágio, perdendo a oportunidade de trabalhar o tema neste espaço-tempo privilegiado de aprendizagem.

O lugar subalterno que o ensino de gênero ocupa nos currículos obrigatórios dos cursos de Serviço Social do Brasil auxiliam a compreensão do compilado de dados apresentados no trabalho “O estudo da arte sobre gênero no Serviço Social”, de Daiane Dias. Analisando duas revistas de Serviço Social de ampla circulação nacional e com indicadores de qualidade máximos de acordo com as normas da CAPES, constatou-se, em ambos os casos, uma porcentagem inferior à 5% de publicações abordavam gênero, dado que se mostra incompatível com a urgência do tema no Brasil, país que ocupa o quinto lugar⁸ no ranking das maiores taxas de violência contra a mulher. Destas publicações, no tocante à orientação teórico- metodológicas das discussões acerca do entendimento de gênero, especificamente, Dias sinaliza uma aproximação com debates fomentados pela segunda onda do feminismo (DIAS, 2014 p. 129), o que indica coerência com a proposta do materialismo histórico dialético como base do curso. No entanto, não se trata de um posicionamento declarado a *priori* por parte das autoras:

8 Segundo dados do Mapa da Violência de 2015.

“Nos textos há uma preocupação em distinguir sexo de gênero ao abordar as diferenças observadas no comportamento e nas relações entre homens e mulheres sem, no entanto, anunciar a partir de que leitura teórica é construída.” (DIAS, 2014 p. 129)

Comportamento semelhante ao supracitado foi observado nas publicações do CFESS que compõe o segundo eixo de análise. Publicado online e, em geral, com a intencionalidade de afirmar um posicionamento frente à alguma questão, o CFESS Manifesta possui um acervo com 168 publicações, sendo a primeira datada de 2004 e a última, por sua vez, de agosto de 2019. Da referida totalidade, 27 textos abordam diretamente temas referentes à desigualdade sexual, gênero e sexualidade, o que representa 16,07% das publicações totais⁹. Esta porcentagem está distribuída em publicações com pautas como o Dia Internacional das Mulheres; contra o aborto; contra a exploração sexual de crianças e mulheres; pelas visibilidades lésbicas e trans, dentre outros. A partir de uma leitura orientada, buscou-se captar a presença de palavras-chave dos estudos de gênero na íntegra dos textos para verificar se haviam termos, citações e referências recorrentes que poderiam dar pistas de um posicionamento teórico padrão - ou, pela via oposta, desvios de teoria significativos entre si.

Como resultado, observou-se o uso majoritário da expressão “identidade de gênero” para caracterizar diferentes manifestações da relação desigual entre homens e mulheres. Quando investigada a origem da expressão no âmbito dos estudos das relações entre homens e mulheres, é possível vinculá-la às vertentes teóricas pós-estruturalistas, utilizado comumente como forma de remeter “à *constituição do sentimento individual de identidade*” (GROSSI, 1998 p.8). Observa-se, assim, que ao contrário ao que ocorre no âmbito das pesquisas acadêmicas onde, conforme elucidado por Dias nos parágrafos acima, há uma aproximação com o feminismo materialista de segunda onda, nas publicações do CFESS Manifesta essa aproximação não é imediata.

Evidencia-se, sobretudo, uma confluência epistemológica onde o entendimento de gênero é posto na chave da opressão feminina enquanto materialidade histórica, reconhecendo-o enquanto um mecanismo ideológico que naturaliza a opressão sexual, ao mesmo tempo em que se mantém o uso do termo “identidade de gênero” em seu sentido desconstrutivista e, portanto, pós-moderno. Embora tenha sido recorrente o uso do termo ao longo das publicações, em nenhum dos textos a expressão foi devidamente conceituada. Em contrapartida, dado importante é a constatação de que, além de “identidade de gênero”, em alguns textos foi cunhada a expressão “identidade de gênero trans” ou “identidade trans” unicamente. Neste último caso, em apenas um dos textos foi citada referência para o conceito:

⁹ Por se tratarem de temas que se interseccionam com outros, é possível que a porcentagem seja maior. Para o cálculo, foram consideradas as publicações que explicitavam estes elementos no título.

“Partimos do entendimento de que a identidade de gênero trans não é expressão de uma ‘performance’ (Butler, 2003), mas expressão de construções sócio históricas que marcam a singularidade de indivíduos que não se reconhecem nos papéis de gênero socialmente instituídos como masculino e feminino”. (CFESS, 2013)

Analisando o fragmento, é possível reconhecer uma tentativa de afastamento teórico das propostas analíticas queer de gênero, rejeitando a noção de performance em detrimento de uma avaliação que frisa uma perspectiva de *imposição social* e não de identidade individual. Reitera-se, no entanto, que não se oferece, ao longo do texto, uma defesa explícita de com qual conceito se trabalha e com quais teorias dialoga para formular o argumento que orienta o manifesto, fato que coaduna com o observado no âmbito acadêmico.

A contradição se acentua quando, no caderno de número quatro da série “assistente social no combate ao preconceito”, o CFESS manifesta uma explicação de todo desconstrutivista sobre sexo/gênero: “*O que defendemos (a partir de muitos estudos de várias áreas do conhecimento, principalmente as ciências sociais), é que as distinções biológicas não existem em absoluto. São múltiplas construções sociais que dão sentido aos nossos corpos e ao que eles fazem*”. (CFESS, 2015). Embora ao longo do texto toda a única referência explícita seja às “ciências sociais” de forma absolutamente genérica, fica sublimada a proximidade com a Teoria Queer, principalmente ao levar a desconstrução proposta no pensamento de Derrida em suas máximas consequências ao suprimir as distinções entre as categorias analíticas de sexo e gênero, tal como Judith Butler, autora legitimada no campo dos estudos queer, defende em sua obra “Problemas de gênero”. (BUTLER, 2010).

À primeira vista, a discussão envolvendo a terminologia nos estudos de gênero pode soar exagerada e irrelevante. Considera-se, no entanto, de suma importância a consciência de que elas emergem imbricadas em uma rede de relações epistemológicas que possuem embates e contradições importantes, à nível científico e político. Segundo Gayle Rubin:

“A literatura acerca das mulheres – tanto a feminista quanto a antifeminista – é uma longa reflexão sobre a questão da natureza e da gênese da opressão e da subordinação social das mulheres. Essa questão não é banal, visto que as respostas dadas a ela são decisivas para o modo como vemos o futuro, assim como para se aferir se a esperança de uma sociedade sexualmente igualitária algo que consideramos realistas ou não. Além disso, é importante notar sobretudo que a análise das causas da opressão das mulheres constitui a base de qualquer avaliação do que deveria ser modificado para tornar possível uma sociedade sem hierarquia de gênero” (RUBIN, 1993)

Longe de objetivar adentrar na discussão epistemológica *per se* destes contrassensos, este tópico buscou unicamente identificar e pautar a existência de um caminho em aberto para o Serviço Social quanto ao uso do conceito, categoria e estudos de gênero. Acredita-se que o desalinhamento entre a orientação teórico-metodológica marxista e interpretações

de gênero na profissão são oriundas de uma lacuna existente na formação no tocante ao tema, que acaba sendo preenchida por teorias que nem sempre estão em consonância com o materialismo histórico-dialético. No tópico que se segue, verifica-se o impacto prático que esta lacuna opera.

Quando deslocada de seu contexto, a frase que nomeia este tópico pode incorrer à uma série de acusações. No entanto, a depender de como é articulada, revela-se capaz de elucidar conceitos complexos. Aqui, ela é mobilizada enquanto um epílogo do conceito marxista de práxis, o qual sustenta, hora nas linhas, hora nas entrelinhas traçadas, a mensagem central que este trabalho enseja manifestar. Se a teoria é a reprodução ideal do real e, dialeticamente, a prática é, portanto, o lugar para onde o pensamento se volta (SANTOS, PINI; 2013 p. 136), neste tópico pretende-se mostrar como a (des)articulação entre a orientação teórico-metodológica materialista do curso e as lacunas explicativa de gênero no Serviço Social, mostradas na seção precedente, reverbera na intervenção profissional de assistente sociais inseridos na rede de enfrentamento à violência contra a mulher.

3 | “NÃO HÁ NADA MAIS PRÁTICO QUE UMA BOA TEORIA”¹⁰: A ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL NA REDE DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Dentre os diversos serviços e atores que compõe a rede de enfrentamento a violência contra a mulher no âmbito das políticas sociais, optou-se por conduzir a investigação a partir de uma organização não governamental localizada no interior de Campinas-SP¹¹. Tendo realizado 21.482 atendimentos, desde sua fundação em 1980 até 2014, a ONG oferece suporte social, psicológico e jurídico para vítimas de violência de gênero e intrafamiliar. Para realizar a investigação proposta, utiliza-se metodologicamente pequenos trechos de entrevistas coletadas em um estudo de caso da instituição realizado entre 2017 e 2018. Semiestruturadas, as entrevistas buscaram explorar os conceitos norteadores da organização e o entendimento teórico desta acerca de conceitos-chaves para compreensão da violência contra a mulher, tais quais *gênero, violência, autonomia e família*.

Ao explicar o conceito de práxis em sua obra “Sociologia de Marx”, Henri Lefebvre desenvolve a tese segundo a qual a decisão teórica pode ser compreendida como a decisão de ação (LEFEBVRE, 1979).

Em um paralelo com a atuação interventiva de assistentes sociais, tal definição

¹⁰ “Theory is not automatically saving, liberating or revolutionary. It takes on these functions when we ask it to do so and we direct our thinking to this end. According to a phrase that has been attributed to numerous great men (from Lenin to Che Guevara, via Einstein) and, characteristically, not to any woman, nothing is more practical than a good theory” (ROMITO, 2008)

¹¹ Em que pese a pertinência das discussões no bojo do Serviço Social que problematizam o terceiro setor, a escolha da ONG parte de um método interpretativo compromissado com o materialismo que, ao observar a violência contra a mulher no município e as políticas sociais que respondem ao fenômeno, reconhece a atuação historicamente engajada e socialmente legitimada que a instituição, pioneira ao lado do SOS de SP no acolhimento a mulheres vítimas de violência no Brasil, desempenha desde 1980.

mostra-se verdadeiramente aplicável à consolidação da dimensão investigativa como transversal ao saber e fazer profissional. Mais do que nunca, quando se fala de combate às desigualdades sexuais, a teoria e prática possuem uma relação quase simbiótica. O tratamento que se dá a determinado fenômeno depende da perspectiva que se tem dele. As estratégias e táticas de combate a violência contra a mulher possuem múltiplas possibilidades, a depender de qual conceito de violência, gênero e mulher se está sendo utilizado. De forma ilustrativa, a explanação da assistente social que coordenada a ONG estudada a respeito das alterações de nome pelas quais a instituição passou demarcam bem a relação dialética entre decisão teórica/decisão de ação, defendida por Lefebvre:

“[...]Ele (a instituição) começou atendendo a mulher, percebeu as mulheres em situação de violência sempre vinha acompanhadas de entes da família, então passou a ampliar seu atendimento a mulher e à família (e essa família inclui as crianças, os adolescentes, os homens, os companheiros) e ‘ação’: então ‘SOS Ação mulher e família. Ação porque só o atendimento implicava desenvolver ações complementares que ajudasse a prevenção dessas famílias para superar ou a parte financeira, ou a parte, vamos, de qualificação profissional, que são atividades que a gente oferecia até então. Cursos de embelezamento e moda, cursos de qualificação profissional, para que as pessoas pudessem superar”. (Assistente Social entrevistada. Trecho de entrevista, 2018)

Verificou-se, ainda, que essas qualificações estavam inseridas nas áreas de embelezamento e moda, sendo ofertados cursos de cabelereiro, depilação, design de sobrancelha, manicure, corte e costura e arte culinária. O programa tinha como objetivo promover a independência financeira e, conseqüentemente, a autonomia das mulheres usuárias. Segundo a coordenadora técnica da instituição, o programa de cursos profissionalizantes surgiu ao verificar que a falta de qualificação profissional era um problema comum a diversas usuárias. Ficam visíveis, assim, duas observações. Primeiramente, o conceito de práxis, ali, se expressa em sua essência mais primordial: a realidade concreta do espaço sócio ocupacional demandou outras formas de atuação que diferiam da originária, o que é incorporado, materialmente, nas estratégias de intervenção e, simbolicamente, no nome da ONG, que passa a incluir outros sujeitos que não apenas a mulher.

No entanto, no movimento de reprodução do real para o ideal, é possível observar, em segundo lugar, que foi captada apenas a *aparência* da questão. Como próprio nome sugere, todos eles estão de alguma forma vinculados ao estereótipo feminino, voltado para o cuidado, para a beleza, para a cozinha. Quando questionada a respeito de como foi feita a escolha destes cursos, a entrevistada respondeu que foi mediante a realidade daquelas mulheres. De fato, os cursos oferecidos condizem com a oferta que existirá na sociedade após essas mulheres se desvincularem da ONG; no entanto, trata-se de um encaminhamento que não encara de frente a essência da questão, movimento imprescindível para uma práxis de fato emancipatória. Em linhas gerais, apesar de oferecer a qualificação, o que é

indubitavelmente algo positivo na esfera individual da mulher atendida, o custo que se tem é a manutenção da padronização dos papéis de gênero e da divisão sexual do trabalho, sendo que as profissões ditas “femininas”, inclusive o Serviço Social, estão em sua maioria em desvantagem na sociedade. Além disso, se reproduz, principalmente com relação à beleza e moda, o culto de objetificação da mulher. Assim, embora na esfera individual essas mulheres possam vir a romper com a violência a qual sofriam, do ponto de vista coletivo, há uma retroalimentação da ideia de feminilidade e da divisão sexual do trabalho que, a partir de uma leitura materialista da condição sexual de pessoas do sexo feminino no patriarcado, é entendida como algo extremamente opressivo para as mulheres, fato que é apontado desde os escritos clássicos de Simone de Beauvoir.

A lacuna teórica de gênero no Serviço Social pode ser explicitada, a partir desse mesmo caso, na relação implícita na fala da entrevistada entre *autonomia* e *independência financeira*, onde esta última é vista como um meio para se alcançar a primeira. Ora, não é difícil de imaginar o caso de vítimas que, mesmo dispondo de independência financeira, relutam em denunciar o agressor e até mesmo permanecem em um relacionamento conjugal com este. Isso se deve ao *horizonte de possibilidades* disponíveis para ação dessas mulheres que, muitas vezes, se quer enxergam aquilo que estão passando como uma agressão. Trata-se, portanto, de uma autonomia e *agência imperfeita* (BIROLI, 2013): apesar da independência financeira, não há, de fato, uma emancipação da mulher – que, na lógica de uma práxis transformadora, só pode ocorrer em coletividade.

Nesse sentido, chama-se atenção para o debate teórico-metodológico acerca da intersesionalidade/consustancialidade que, felizmente, vem ganhando fôlego no Serviço Social. A esse respeito, cita-se a referência, apresentada e traduzida para o português por Mirla Cisne (2014), segundo a qual:

“As relações sociais são consustanciais: elas formam um nó que não pode ser sequenciado ao nível das práticas sociais, apenas em uma perspectiva analítica da sociologia; e elas são coextensivas: implantando as relações sociais de classe, de gênero e de ‘raça’, se reproduzem e se coproduzem mutuamente”(KERGOAT, 2012, p. 126-127)

Em que pese a concordância com a frase supracitada, defende-se, conforme os esforços impelidos na escrita deste artigo, a necessidade do Serviço Social se aproximar, ao menos no decorrer da experiência de formação profissional, da “perspectiva analítica sociológica” de gênero enquanto categoria de análise e conceito, visto que se trata, mais do que visões de mundo, de uma disputa política de projetos de sociedade. Nesse sentido, coloca-se a importância do Serviço Social, conscientemente, se apropriar dessa discussão e, a partir de uma construção dialógica da categoria profissional, posicionar-se de forma coerente e crítica com a direção teórico-metodológica e ética-política do curso.

Provoca-se, por fim, uma reflexão em torno da especial predominância do sexo feminino na profissão, o que implica, no âmbito das políticas sociais de gênero, o

estabelecimento de uma relação onde *afetar* e *ser afetado* compõe a mesma sentença dialética. Interpretar a outra, é investigar a si mesma; desvelar a aparência da outra é despir-se a si própria e encarar o denso esqueleto da própria opressão. É precisamente neste encontro que reside a potência ainda dormente do Serviço Social: nascendo no bojo eclesiástico do patriarcado, há uma antítese em potencial ao, no movimento contraditório da história, um grupo de mulheres tomarem às mãos, profissionalmente, aquilo que lhes foi estruturalmente retirado por este mesmo bojo patriarcal - o conhecimento crítico. Acertar a teoria é, portanto, munir-se da coerência necessária para uma transformação que não ocorrerá se não em meio à contradição.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui desenvolvido debruçou-se sobre a relação entre Serviço Social e gênero, a partir da rede de enfrentamento à violência contra a mulher. Tendo como base o conceito de práxis, discutiu-se como a profissão articula suas três dimensões, conforme os marcos regulamentários próprios, ao ter contato com a realidade social da violência contra a mulher. Do ponto de vista teórico-metodológico, observou-se uma inconsistência epistemológica ao comparar as publicações acadêmicas e as manifestações da entidade representativa da profissão. Ao mesmo tempo em que são utilizadas explicações materialistas para explicar a opressão sexual, utilizam-se palavras-chaves que traduzem vertentes pós-modernas do feminismo. Em ambos os casos, notou-se uma tendência de não referenciar as ideais que remetem ao feminismo de segunda onda, o que levanta a hipótese de um projeto velado de apagamento epistêmico da produção de mulheres radicais. Acredita-se que tanto a inconsistência, quanto a carência de referência, são explicadas por uma lacuna na formação sobre o tema. Na prática, a análise de entrevista concebidas em ocasião de um estudo de caso mostraram como a prática profissional, em termos técnicos-operativos, cai na fissura deixada pela formação no tocante ao gênero. Com isso, nota-se a indicação de que as políticas sociais que lidam com as questões de gênero, sendo a violência a mais emblemática, trabalham na esfera da aparência, mas falham em operar com a essência, o que possibilitaria a transformação emancipatória coletiva. Conclui-se, em suma, que sendo teoria e prática uma unidade, “acertar a teoria” abre caminhos para uma práxis efetivamente transformadora. Cabe salientar que as análises de entrevistas não podem ser generalizadas para fins de comprovação empírica, mas tão somente para o exercício reflexivo que orienta a discussão.

REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. Autonomia e desigualdades de gênero: contribuições do feminismo para a crítica democrática. São Paulo: Editora Horizonte, 2013

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010

CERTEAU, Michel de. A escrita da História. Rio de Janeiro: forense Universitária, 2002

CISNE, Mirla. Relações sociais de sexo, "raça/etnia e classe: uma análise feminista-materialista. In: Revista Temporalis, n° 28, p. 133- 149, jul./dez. 2014

CFESS. Código de ética do assistente social. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br>>. Acesso em: 30 de setembro de 2019

------. *CFESS Manifesta*. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/visualizar/manifesta>> Acesso em: 30 de setembro de 2019.

------. *Transfobia. Série assistente social no combate ao preconceito*. Caderno n° 4. Brasília (DF): 2016. Disponível em <<http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-Caderno04-Transfobia-Site.pdf>>. Acesso em: 30 de setembro e 2019

DIAS, Daiana Nardino. O estado da arte sobre gênero no Serviço Social. Florianópolis: 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/128872/330815.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 29 de setembro de 2019.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 13° anuário da segurança pública, 2019. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/13-anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>>

GUERRA, Yolanda. A dimensão investigativa no exercício profissional. Direitos sociais e competências profissionais. CFESS/ABEPSS. GROSSI, Miriam. Identidade de Gênero e Sexualidade. Antropologia em Primeira Mão, n. 24, PPGASUFSC, Florianópolis, 1998

IAMAMOTO, Marilda Vilela. O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. 26. Ed. São Paulo, Cortez, 2015.

LEFEBVRE, Henri. Sociologia de Marx. 2ª edição, Rio de Janeiro, Forense, 1979.

NETTO, José Paulo. Ditadura e Serviço Social: uma análise do serviço social no Brasil pós-64. 17.ed – São Paulo: Cortez, 2015. ROMITO, Patrícia. A deafening silence – Hidden violence against woman and children. Policy press. University of Bristol, 2008.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres. Notas sobre a 'Economia Política' do sexo. (Tradução de Christine Rufino Dabat). Recife, SOS Corpo, 1993.

SANTOS, Cláudia Mônica; PINI, Francisca. A transversalidade do ensino da prática na formação profissional do assistente social e o Projeto ABEPSS itinerante. Temporalis n. 25, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/4855/4146>> Acesso em: 30 de setembro de 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administrador 7, 83, 91, 93, 94, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 185

Agenda Governamental 8, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 207

Agroecologia 153, 158, 161, 163, 164, 165

Alimentação 96, 130, 140, 141, 142, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 193

Aprendizagem 6, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 18, 48, 49, 53, 54, 57, 58, 61, 65

Autogestão 167, 169, 179, 180

Avaliação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 20, 30, 34, 38, 79, 103, 104, 109, 137, 138, 139, 143, 145, 149, 150, 187, 202, 209

C

Capitalismo 15, 18, 96, 98, 167, 169, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181

Cidadania 7, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 183, 188, 189, 209

Ciência 38, 47, 55, 56, 59, 99, 100, 101, 102, 163, 164, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 207, 208

Comportamento 19, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 99, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 120, 121, 122, 155

Consumo 7, 34, 133, 141, 142, 148, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 162, 164, 165, 166, 172, 188

Contrato 9, 173, 183, 184, 185, 186

D

Design 22, 56, 58, 65

Discurso 7, 57, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 87, 89, 90, 158, 159, 162, 163, 165, 167, 174, 175, 178, 180

Doença de Parkinson 35, 36, 38, 44, 45

Doenças Neurodegenerativas 35, 43

E

Empreendedor 7, 106, 107, 108, 109, 110, 121, 122, 130, 174, 202, 204, 207, 208

Empreendedorismo 7, 106, 107, 109, 110, 120, 121, 128, 130, 141, 173, 175, 179

Empresa 26, 31, 77, 82, 83, 88, 89, 97, 109, 130, 136, 137, 144, 145, 147, 148, 172, 177, 187, 198, 199, 204

F

Farmacêutico 6, 35, 41, 42, 43, 44

Fast food 7, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150, 151

Flexibilização 11, 167, 169, 175, 177, 178

Fordismo 8, 167, 168, 169, 170, 176, 177, 181

G

Gastronomia 7, 128, 129, 130, 131, 133, 140, 141, 150, 152, 164

Gênero 6, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 34, 57, 58, 63, 64, 65, 111, 113, 123, 185, 187

Gestão 6, 7, 8, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 41, 51, 55, 99, 102, 103, 108, 128, 129, 130, 131, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 150, 155, 156, 171, 173, 182, 183, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 200, 201, 203, 209

H

Hospedagem 7, 140, 152, 155, 157

Hospitalar 41, 42, 43, 44

I

Imagem 7, 28, 72, 77, 78, 82, 84, 89, 132, 137

Infância 7, 48, 66, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76

Inovação 8, 7, 11, 62, 77, 94, 107, 108, 109, 110, 150, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 180, 182, 192, 193, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209

J

Jogo pedagógico 6, 56, 57

L

Licitações Públicas 8, 182, 183, 189, 191, 193

Linguagem 67, 68, 76

M

Medicamento 39, 40, 41, 42, 43

Mulher 6, 14, 16, 18, 21, 22, 23, 24, 27, 57, 59

O

Oportunidade 7, 18, 56, 106, 108, 109, 110, 113, 120, 121, 127, 136, 206

Organização 8, 4, 5, 8, 10, 12, 17, 21, 42, 53, 70, 71, 74, 82, 84, 87, 89, 98, 100, 108, 109, 129, 130, 137, 144, 148, 150, 154, 156, 158, 159, 165, 167, 170, 177, 180, 185, 187

P

Parque Tecnológico 8, 196, 197, 200, 202, 207

Planejamento 3, 5, 6, 87, 106, 108, 109, 110, 113, 120, 122, 125, 126, 129, 130, 131, 140, 148, 151, 166, 170

Precarização 167, 169, 176, 177, 178, 179, 180

Presídio 51

Processos 7, 6, 52, 57, 69, 100, 108, 109, 131, 133, 141, 143, 144, 145, 148, 150, 154, 168, 170, 172, 174, 175, 191, 198, 199, 202, 204, 208

Produção 2, 16, 24, 26, 27, 53, 57, 58, 61, 73, 78, 79, 80, 82, 84, 98, 102, 130, 131, 133, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 197, 198, 199, 204, 206

R

Relações étnico-raciais 6, 56, 57, 58, 60, 62, 63, 64

Restaurante 7, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 145, 148, 149, 150

S

Serviços 15, 21, 26, 38, 41, 52, 108, 109, 128, 129, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 149, 150, 156, 167, 172, 173, 175, 176, 177, 179, 180, 185, 186, 187, 190, 191, 193, 201, 203, 205

Serviço Social 6, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25

Sexualidade 19, 25, 58, 63, 65

Sustentabilidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 153, 156, 158, 161, 163, 165, 208

T

Tecnologia 56, 59, 87, 128, 129, 139, 140, 150, 158, 163, 173, 182, 191, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 207, 208, 209

Teoria 6, 6, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 46, 47, 48, 55, 67, 68, 73, 81, 84, 89, 98, 100, 108, 110, 113, 117, 119, 120, 151, 165, 173, 180, 181, 185, 191

Terapia Ocupacional 6, 26, 34, 40

Trabalhador 26, 27, 31, 34, 72, 98, 150, 159, 160, 167, 173, 176, 178, 180

Transformação social 6, 1, 3, 4, 5, 8, 9, 70

Transparência 182, 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195

Tratamento 6, 22, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 50, 70, 75, 88, 93, 130, 184, 188

U

Uberismo 8, 167, 168, 169, 176, 177, 178, 179, 180

V

Violência 6, 14, 15, 16, 18, 21, 22, 23, 24, 51

Pesquisas
Interdisciplinares
Estimuladas por
Problemas Concretos
das Ciências Sociais
Aplicadas 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

Pesquisas
Interdisciplinares
Estimuladas por
Problemas Concretos
das Ciências Sociais
Aplicadas 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021